

educação - saúde - artes

Daniele Noal Gai
Wagner Ferraz (Orgs.)

parafernálias II

Curriculo, cadê a poesia?



processo^{c3}
www.processoc3.com



Daniele Noal Gai
Wagner Ferraz
Orgs.

PARAFERNÁLIAS II: Currículo, cadê a poesia?

1ª Edição

Porto Alegre
INDEPIn

Copyrigth @ 2014 Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Organizadores:
Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Projeto Editorial:
INDEPIN - Miriam Piber Campos
Processo C3 - Wagner Ferraz

Capa:
Anderson Luiz de Souza

Layout:
Wagner Ferraz

Diagramação:
Diego Mateus e Wagner Ferraz

Revisão:
Carla Severo Trindade

INDEPIN Editora - Coordenação Editorial
Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G137p Gai, Daniele Noal
Parafernálias II: currículo, cadê a poesia? / Daniele Noal
Gai e Wagner Ferraz. – Porto Alegre: INDEPin, 2014.
130 p.

ISBN 978-85-66402-14-8

1. Educação - currículo. 2. Poesia. I. Ferraz, Wagner.
II. Título.

CDU 37.017

Bibliotecária Responsável: Ana Lígia Trindade CRB/10-1235

Parafernálias II

O QUE PODE UM CORPO NO ENCONTRO COM UM CURRÍCULO?

Wagner Ferraz¹

Samuel Edmundo Lopez Bello²

1. Mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS na linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação. Graduado em Dança, bailarino e performer. Coordenador dos Estudos do Corpo/INDEPln (estudoscorpo.wordpress.com).

2. Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Curriculo, cadê a poesia?

O corpo e sua produção disciplinar

Corpo e currículo: o que pode haver de aproximação entre os dois? Neste texto não nos preocupamos em destacar possíveis aproximações entre um e outro, mas pensar os encontros que podem se dar entre ambos, mostrando que o que pode acontecer entre um corpo e um currículo pode reverberar na constituição de um corpo e pode, também, dar condições para pensar diferentes usos de um currículo. Começaremos apresentando a noção de corpo com que estamos tratando, pois esse tema circunscreve e atravessa diferentes campos de estudo e pesquisa. Tratamos aqui com Michel Foucault no campo da educação, levando em consideração que:

É com o corpo que se vive e se morre, é com o corpo que se afeta e no corpo que se é afetado, é no corpo que se vivem experiências, pelas formalidades morais e regras culturais, pelas condições que se tem para possibilidades éticas de constituição de si. É pelo e com o corpo que conduzimos a nós mesmos e encontramos possibilidades de conduzir as condutas dos outros, é no corpo que se dá a vida, é no corpo que o próprio corpo acontece. É com o corpo que se produz a si mesmo, é com o corpo e no corpo que se encontra ou se vive as possibilidades de liberdade e resistência. É com o corpo que se tem condições de exercer e/ou estabelecer relações de poder sobre outros corpos. É com o corpo que se vem a realizar atos políticos. É no corpo que tudo isso se dá, mas o corpo não “é”, o corpo “vem a ser”¹.

1. FERRAZ e BELLO, 2013, p. 255-256.

Parafernálias II

Poderíamos pensar o corpo² com tantos pensadores e pesquisadores de diferentes tempos que constituíram seu modo particular de referi-lo. No entanto, tratamos aqui com Foucault, que destaca o poder disciplinar sobre o corpo visando o aumento das suas habilidades, tornando esse corpo “tanto mais obediente quanto mais útil³”, formando uma política de coerções, um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada dos seus elementos, gestos, comportamentos... “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, “corpos dóceis”, aumentando as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuindo essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)”⁴.

Sendo assim, para um corpo ter condições de alcançar objetivos propostos por uma prática, necessita realizar essa prática da forma considerada mais adequada possível, atendendo ao que se tem por certo na realização dessa atividade. Por exemplo: para realizar uma cambalhota no chão e no final ficar em pé sem se machucar e se utilizar disso como algo performático, cênico ou como atividade para manutenção da “saúde física”⁵, um corpo precisa se submeter à realização desta ação por muitas vezes, para que assim possa chegar ao resultado dito certo. Então deve se submeter ao exercício da ação para se tornar útil para sua própria realização – submisso e útil. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e

2. Falamos “o corpo” não como algo universal e totalizante, mas para indicar um modo de pensar específico de um filósofo, sendo neste caso “o corpo” para Foucault. Mas ao falarmos de “um corpo” estamos nos referindo a uma condição de existência atravessada por discursos, saberes, culturas, história, verdades, costumes e todas as possibilidades de ir se constituindo por meio de diferentes práticas no decorrer de uma vida.

3. FOUCAULT, 1987, p. 119.

4. FOUCAULT, 1987, p. 119.

5. Saúde física é um termo comumente utilizado por muitas áreas para falar do cuidado com o corpo, cuidado especificado como saúde física e saúde mental, que remete ao dualismo corpo/mente. Utilizamos aqui para apontar essa questão, mas não vamos nos deter nela e não é nessa perspectiva binário que escrevemos, mas, sim, pensamos um corpo em que tudo se dá, um corpo da multiplicidade e/ou como superfície de inscrição da vida.

Curriculo, cadê a poesia?

exercitados, corpos ‘dóceis’”⁶. Não se trata de ser forçado a fazer algo até conseguir realizar, mas a disciplina do/no corpo pode ser pensada como o esforço e dedicação realizados para ter domínio de uma ação, de uma conduta e dos usos de um corpo. Foucault (1987) fala sobre isso em seu livro Microfísica do Poder:

Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticoloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual...⁷.

O poder disciplinar, para Foucault (1987), tem a função de adestrar, fabricar indivíduos. Como técnica específica de um determinado poder, toma os indivíduos como objetos e ao mesmo tempo como instrumentos de seu exercício. Não se trata de um poder triunfante, mas de um poder modesto, desconfiado e permanente. “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”⁸.

6. FOUCAULT, 1987, p. 119.

7. FOUCAUL, 1979, 147-148. Nesta passagem Foucault cita os controles da sexualidade, que podemos traduzir como os controles do corpo, pois a sexualidade torna-se um dispositivo de controle de corpos, de modos de existência e de populações. CASSAL, GARCIA e BICALHO, 2011, p. 466.

8. FOUCAULT, 1987, p. 143.

Parafernálias II

Disciplinar um corpo significa, pois, sujeitá-lo, mantê-lo sob controle. E é um controle que funciona bem porque se encontra introjetado, incorporado pelo indivíduo. Ser disciplinado significa possuir um autocontrole, não necessitar de comandos externos. No entanto, os efeitos do disciplinamento moderno dos corpos não são apenas negativos; se a disciplina constitui-se numa tecnologia de poder que permitiu a submissão e o controle, ela também proporcionou a emergência de uma consciência sobre o próprio corpo. E, como no reino do poder há sempre uma correlação de forças, de maneira que ao exercício de um poder corresponde sempre uma reação contrária, o disciplinamento também enfrenta como efeito uma espécie de "revolta do corpo": a reivindicação do corpo próprio, a afirmação de um corpo ativo, para além das tecnologias de controle⁹.

Esse é o corpo de que estamos tratando aqui, um corpo produzido por práticas disciplinares, o corpo que se constitui na experiência da disciplina, não sendo essa nem boa nem ruim, mas um modo de constituir corpos, de educá-los para determinadas práticas, circunstâncias, vida social, com valores legitimados por determinadas culturas como verdades que indicam como se deve ser – verdades essas que tantas vezes podem ser açãoadas pelos usos de um currículo.

Um currículo

Uma teoria do currículo deve discutir, pelo menos, quatro questões centrais: "a questão do conhecimento e da verdade; a questão do sujeito e da subjetividade; a questão do poder; a questão

9. GALLO, 2006, p. 24-25.

Curriculo, cadê a poesia?

dos valores"¹⁰. O mais óbvio naquilo que compõe um currículo é a questão do conhecimento e da verdade, supondo que é o que deve ser ensinado; o menos óbvio tem a ver com sujeito e subjetivação. Centrando na questão do conhecimento e sua transmissão, é comum esquecer que "todo currículo quer modificar alguma coisa em alguém, o que supõe, por sua vez, alguma concepção do que é esse alguém que deve ser modificado"¹¹.

Ao pensar um currículo, o fazemos na tentativa de que alguém venha a aprender questões relativas ao mundo do trabalho, ao meio ambiente, às leis de trânsito, às inquietações sobre gênero, aos problemas de saúde (como a prevenção de certas doenças ou o tratamento de outras) e tantas outras questões, para, assim, se tornar uma pessoa "preparada para a vida" ou para determinadas circunstâncias com as quais pode vir a se deparar. Tudo isso se dá pensando modos de normalização, diferenciação, a singularidade de cada um ou como tornar "todos iguais". Por isso:

Em vez de perguntar "O que é este currículo?" (que levaria à essencialização e à igualação do não-igual), privilegia um certo comportamento do pensamento, indagando: 1) QUEM QUER? Quem é aquele que quer? O que quer aquele que diz? Quais são as forças que dominam aquele que quer isso? Qual a vontade que possui aquele que quer isso? Quem, então, se exprime e, ao mesmo tempo, se oculta naquele que quer isso? Qual o seu tipo, isto é: a vontade, a força, o lugar e a ocasião em que ele quer? Quem ou de qual ponto de vista quer isso? Esta vontade de poder (este "quem"?) supõe o quê? Qual a imagem do pensamento pressuposta por esse tipo, que não é um indivíduo, mas aquele que quer a vontade de? O que quer aquele (tipo) que diz, pensa, sente ou experimenta isso? O que quer

10. CORRAZA e TADEU, 2003, p. 37.

11. CORRAZA e TADEU, 2003, p. 38.

Parafernálias II

aquele que não poderia dizer, pensar, sentir ou experimentar isso, se não tivesse tal vontade, tal maneira de ser? 2) QUANDO QUER? Em que condições? Em que caso(s)? 3) ONDE QUER? Lugares? Circunstâncias? Pontos de vista? 4) COMO QUER? Por quais operações? Por quais configurações de forças? 5) QUANTO QUER? Intensidade das forças que querem isso? Extensão da vontade que quer isso?¹².

De modo geral, um currículo é constituído por saberes, e um professor normalmente está preocupado em como fazer uso desse currículo, como fazer com que esses saberes cheguem a seu aluno e produzam efeitos para transformá-lo. "E se o currículo, em vez disso, fosse concebido como um encontro, uma composição? Isso não mudaria tudo?"¹³. Poderíamos então pensar o currículo não apenas como um documento onde se encontra uma lista de conteúdos a serem trabalhados, mas o currículo como aquilo que dá condições para movimentar um corpo, aquilo que provoca um corpo quando lhe apresenta possibilidades para agir.

Não sendo um currículo apenas aquilo que diz o que um corpo deve ser, mas que diz que um corpo pode se movimentar por um infinito de possibilidades, "poderíamos começar por imaginar que corpos, os mais heterogêneos, os mais disparatados, os mais improváveis ("sorvete flambado com suspiro"), se encontram e se combinam no currículo"¹⁴. Teria assim o corpo, no encontro com práticas disciplinares oriundas de um currículo, possibilidades de se constituir, de se tornar algo que seja efeito da composição das disciplinas e dos vazamentos produzidos nessas práticas disciplinares. Compreendendo que, ao viver a experiência da diferentes disciplinas, um corpo produz outras possibilidades de experiências, tendo o currículo como condição para experimentar muitas práticas,

12. CORAZZA, 2012a, p. 11-12.

13. TADEU, 2002, p. 55

14. TADEU, 2002, p. 55

Curriculo, cadê a poesia?

e não apenas como a verdade a ser seguida de olhos fechados. Desse modo, teríamos um currículo repleto de encontros.

Encontros entre um corpo e um currículo

O currículo e a educação, para Tadeu (2002), "... podem ser concebidos como uma arte do encontro e da composição, na qual o que importa não é a forma e a substância, o sujeito ou o objeto, mas o que se passa entre os diferentes corpos que habitam um currículo..."¹⁵. Nos encontros¹⁶ e combinações de um corpo com o currículo pode-se ter como efeitos a realização de determinadas ações que constituirão diferentes modos de vida, pois "... não há currículo que não indique entradas e saídas para novas vidas, percursos para outras formas de existência, incidências sobre inéditas possibilidades de viver..."¹⁷.

O que pode se dar como encontro no ato de pensar acionado por um currículo, e nas possíveis criações a partir do que se encontra neste, não se dá como modo de encontrar um jeito exato de constituir um corpo. "Não se trata mais de saber o que um currículo, considerado como objeto, faz a um educando,

15. TADEU, 2002, p. 47.

16. "(...) a noção de encontro é muito importante para Deleuze, pois é o novo e o diferente (por fim, um acontecimento) que se experimenta num encontro que dá o que pensar. Então, as noções de experimentar e encontrar estão intimamente ligadas ao pensamento: ter uma experiência significa vivenciar uma situação a partir de um encontro com algo e esse algo libera acontecimentos que dão o que pensar". LA SALVIA, 2010, p. 10. Na aula de Deleuze sobre Spinoza, de 24/01/1978, ele diz: "O que pode acontecer se meu corpo é feito desse modo, uma certa relação de movimento e de repouso que subsume uma infinidade de partes? Podem acontecer duas coisas: eu como alguma coisa que eu adoro, ou então, outro exemplo, eu como alguma coisa e caio envenenado. Literalmente, em um caso eu fiz um bom encontro, e no outro, fiz um mau encontro. (...) Quando eu faço um mau encontro, isso quer dizer que o corpo que se mistura com o meu destrói minha relação constitutiva, ou tende a destruir uma de minhas relações subordinadas. (...) Quando eu como alguma coisa que me convém, se dá o inverso".

17. CORAZZA, 2012a, p. 02.

Parafernálias II

214

considerado como sujeito. Nem quais são os saberes que constituem um currículo"¹⁸, nem os saberes e verdades que constituem um corpo por meio do currículo, nem que corpos se podia descrever antes dos encontros com o currículo. "O que interessa agora é saber quais composições são feitas e quais composições podem ser feitas e se elas são boas ou más do ponto de vista da potência de agir"¹⁹. Ou seja, o que interessa é pensar o que pode um corpo²⁰ que se constitui no encontro com um currículo, tomando esse encontro como aquilo que coloca em variação a potência de agir²¹.

Então retomamos a questão: O que pode um corpo no encontro com um currículo? Não temos uma receita exata de tudo o que pode, não temos como mensurar, enumerar, classificar e definir tudo o que pode. Podemos ter expectativas, imaginar tendências, indicar possibilidades, traçar planos disciplinares para docilizar um corpo, mas não temos como saber o que de fato ocorrerá. Algumas coisas sairão como previsto, mas outras provavelmente se darão de outro modo, outras não ocorrerão, outras entenderemos como erros, algumas como fruto do acaso, porém tudo o que for praticado/pensado por meio de um currículo será possibilidade de constituir um corpo. Assim um corpo será atravessado pelos saberes, discursos, valores, verdades produzidas no e por um currículo.

18. TADEU, 2002, p. 54-55.

19. TADEU, 2002, p. 54-55.

20. "O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo (...) pode e o que não pode fazer". SPINOZA, 2011, Ética III, Prop. 2, p. 101. Só se sabe o que pode um corpo no encontro com outros corpos. Por mais que se tenham noções e prescrições de que um corpo, em uma determinada condição anatômica, sociocultural, econômica, estado emocional, possa realizar algo de uma forma esperada em uma situação específica, sempre há algo que pode nos escapar, e o que um corpo pode só saberemos vivendo determinadas situações.

21. Deleuze & Guatarri (em Mil Platôs, vol. 4, 1997, p. 36) buscarão em Spinoza a "relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, que agrupa uma infinidade de partes, corresponde um grau de potência. As relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes".

Curriculo, cadê a poesia?

Porém isso não garante que um corpo se torne algo previsível, mas, sim, que se torne um corpo composto por condutas previsíveis e, ao mesmo tempo, um corpo que se conduza de formas inesperadas em alguns momentos, um corpo que cria modos de viver, de estudar, de cantar, de dançar, de escrever, etc. Um corpo em processo de subjetivação que, a cada experiência no encontro com um currículo, terá sua potência de agir aumentada e/ou diminuída, o que lhe proporcionará condições para se conduzir a se tornar o que não sabemos, mesmo carregando consigo parcelas de previsibilidade. Um corpo no encontro com um currículo pode produzir condições para variar em si mesmo, para criar a si mesmo, para se tornar uma composição de identidades, representações vazadas e fissuradas pelas possibilidades do vir a ser. O que devemos levar em consideração é que um currículo pode modificar um corpo e suas condutas, tudo o que o constitui, por meio de modos de pensar as práticas educativas que incidirão sobre um corpo e suas possibilidades de constituição. E esse movimento possibilitará pensar os usos que se fez de um currículo nesse processo e os usos que podemos vir a fazer.

Referências:

CASSAL, Luan Carpes Barros; GARCIA, Aline Monteiro; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, pp. 465-473, out./dez. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8600>. Acesso: 27/07/2014.

Parafernálias II

CORAZZA, Sandra & TADEU, Tomaz. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, Sandra. O drama do currículo: pesquisa e vitalismo de criação. IX ANPED SUL, 2012a. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anped sul/9anped sul/paper/viewFile/128/78>. Acesso: 02/03/2013.

DELEUZE, Gilles. Spinoza - Cours Vincennes 24/01/1978. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. Acesso: 27/07/2014.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. Mil platôs - capitalismo c esquizofrenia, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997.

FERRAZ, Wagner; BELLO, Samuel Edmundo Lopez. Estudar o Corpo: do que (não) se trata. In. FERRAZ, Wagner; MOZZINI, Camila (Orgs.). Estudos do Corpo: Encontros com Artes e Educação. INDEPI: Porto Alegre, 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. 33ª ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 9ª ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

GALLO, Silvio. Corpo ativo e Filosofia. In.: Moreira, Wagner Wey (Org). Século XXI: A Era do Corpo Ativo. Campinas, SP. Papirus Editora, 2006.

LA SALVIA, André Luis. Por uma pedagogia do conceito. Revista SABERES, Natal – RN, v. 2, m.5, ago. 2010. Disponível em: <http://>

Curriculo, cadê a poesia?

www.cchla.ufrn.br/saberes/Numero5/Artigos%20em%20Filosofia-Educacao/Andre%20Luis%20La%20Salvia_POR%20UMA%20PEDAGOGIA%20DO%20CONCEITO_7-17.pdf. Acesso: 02/03/2014.

SPINOZA, Benedictus de. Ética. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. Revista Educação & Realidade. Vol 27, nº 2, jul./dez.2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915/15184>. Acesso: 28/06/2013.